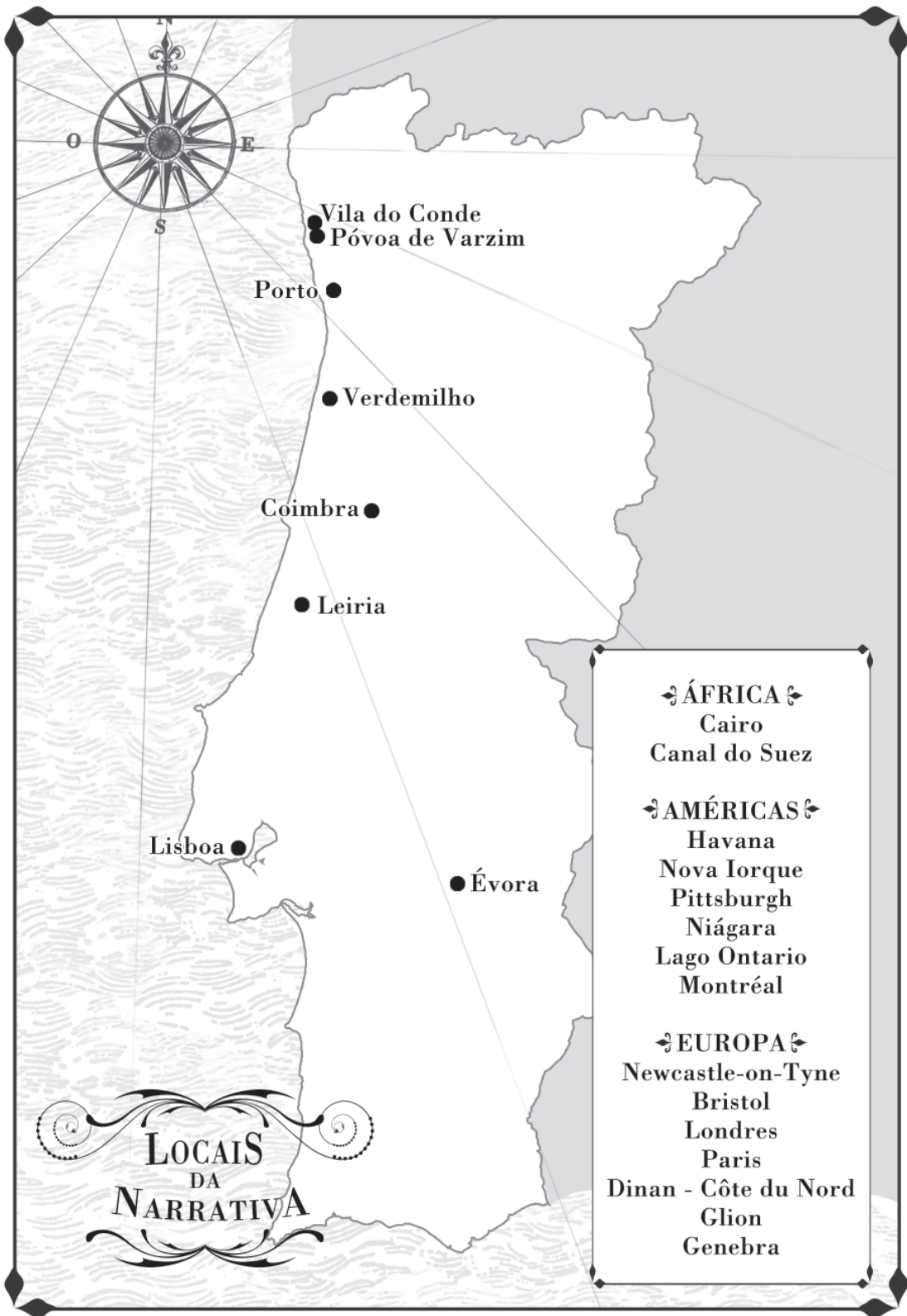


eça de queiroz, segundo
fradique mendes
sónia louro



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



Vila do Conde
Póvoa de Varzim

Porto

Verdemilho

Coimbra

Leiria

Lisboa

Évora

LOCAIS
DA
NARRATIVA

↔ ÁFRICA ↔
Cairo
Canal do Suez

↔ AMÉRICAS ↔
Havana
Nova Iorque
Pittsburgh
Niágara
Lago Ontario
Montréal

↔ EUROPA ↔
Newcastle-on-Tyne
Bristol
Londres
Paris
Dinan - Côte du Nord
Glión
Genebra

Ao Edgar e ao Alan,
Porque até o mais perfeito céu precisa de estrelas.

À Carina,
O meu J. Batalha Reis e o meu J. Teixeira de Azevedo.

NOTA DA AUTORA



*Eça de Queiroz, segundo Fradique Mendes
e Fernando Pessoa, Uma Biografia*



Fernando Pessoa escreveu sob o heterónimo de Alberto Caeiro:

“Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,
Não há nada mais simples.
Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte.
Entre uma e outra todos os dias são meus.”

Eça de Queiroz escrevera algo vários anos antes com o mesmo significado:

“Dados para a minha biografia, não lhos sei dar. Eu não tenho história, sou como a República do Vale de Andorra.”

A intenção de ambos era manter uma certa discrição sobre a sua vida, um objectivo falhado à partida tendo em consideração o génio de ambos e a projecção que alcançaram e desejavam. Porém, as semelhanças entre eles não acabam aqui.

Ambos são os ícones maiores da escrita portuguesa, mas, novamente, as semelhanças entre os dois não acabam aqui.

Ambos sentiam-se mal no seu corpo, feios, sem graça, etc. Curiosamente, um comparava-se a um íbis e outro a uma cegonha, ambas aves de pernas, pescoço e bico longo.

Ambos tinham relações difíceis com as mães, o que, tanto num caso quanto no outro, marcou a sua escrita e, de alguma forma, por certo as suas relações com as mulheres e a forma como as viam.

Ambos cresceram sozinhos, ou a sentirem-se sozinhos. Novamente, a sua escrita será influenciada por isso.

Ambos viveram sempre com problemas pecuniários.

Muitas outras semelhanças existirão entre eles, mas para encurtar a lista gostava de salientar algo que Vergílio Ferreira havia notado em 1969, que a célebre frase de Fernando Pessoa, “a minha pátria é a língua portuguesa”, se baseava em Fradique, quando este diz: “Na língua verdadeiramente reside a nacionalidade.” E quanto ao autor que tanto criticou Eça de Queiroz, é interessante notar que neste muito se inspirou, como poderá ser verificado em *Eça e Pessoa*, de Beatriz Berrini.

Mas, mais interessante ainda, julgo ser a heteronímia, pois, se quando se fala nela imediatamente nos remetemos para Fernando Pessoa, visto de facto ser o maior exemplo português de produção de heterónimos, raramente nos lembramos que é Fradique Mendes o primeiro heterónimo português. Embora criado pelo Cenáculo, sendo por isso considerado um heterónimo colectivo, é pela pena de Eça de Queiroz que ele “encorpa”.

Depois de escrever um romance biográfico sobre Pessoa, *Fernando Pessoa, Uma Biografia*, era imperioso para mim escrever sobre Eça. E, por isso, de alguma forma, estes dois romances andam de braço dado, sentindo-se em ambos uma forte presença de uma das criações mais importantes de cada um: Álvaro de Campos e Fradique Mendes.

Ambos dissimulados e fingidores, acredito que é em Eça de Queiroz que essa faceta atinge o expoente máximo — pois, por ironia, mas provavelmente não, Eça, que sempre quis manter uma grande discrição sobre a sua vida, conta-a nos seus livros para quem os souber ler. Na maior parte dos seus livros é possível encontrarem-se vários episódios retirados da sua própria vida. Assim, este romance propõe-se contar a sua vida através dos seus livros... ou talvez contar os seus livros através da sua vida... já não o sei bem, Fradique Mendes também não... restam datas como início de capítulos ou de períodos a servirem por vezes de âncora, outras de farol, para ajudar o leitor a atravessar ileso esta odisséia eciana.

“Dados para a minha biografia, não lhos sei dar.
Eu não tenho história, sou como a República do Vale de Andorra.”
EÇA DE QUEIROZ

“O Eça não tem fim.”
A. CAMPOS MATOS

Meus caros patrícios,

O meu nome é Carlos Fradique Mendes, já me conhecem, mas de uma forma pela qual nunca me deveriam ter conhecido e que eu nunca desejei.

Apresento-me diante de vós para vos contar a real realidade das coisas e também para uma *vendetta! Une revanche!* Esse senhor, Eça de Queiroz, andou por aí a publicar - em órgãos de comunicação com os quais fazia panelinha e sem ter o direito de o fazer - cartas minhas e, supostamente, a título póstumo. Digo supostamente, porque eu não morri. Enfim, não morri à data dos factos, mas quando me lerdas, prezado leitor, provavelmente já terei morrido. Digo provavelmente, pois poderei ser uma espécie de D. Sebastião e voltar a qualquer momento do lugar brumoso onde me encontro, mesmo já tendo passado demasiado tempo para que a longevidade da vida humana o permita. E a isso chamaríeis de Fradiquismo! Porque Carlos Fradique Mendes é um ser tão excepcional que pode suceder que as Leis que regem a matéria, e até as regras das coisas divinas, não se apliquem a ele. Seria, ao menos, o expectável, mas no mínimo o justo!

Porém, a vida não é feita de justiças, pois se assim fosse nunca este Sr. Eça de Queiroz seria tão celebrado, visto ele ser um invejoso. E a sua maior inveja foi querer ser eu, mas Eça de Queiroz é (foi) Eça de Queiroz e Carlos Fradique Mendes é (foi) Carlos Fradique Mendes! Qualquer coisa dita em contrário é pura efabulação, pura mistificação. É uma *blague!*

Eu não sou nenhum Carlos Eduardo, nenhum Amaro, seguramente nenhum Artur e muito menos Eça! Que ele seja todos esses, ou que todos esses não se importem de ser ele, seria (e

é), como diria o meu grande amigo - e conde - Edgar, conde de Trás-Taipa: Vidas Privadas! Mas eu sou Carlos Fradique Mendes, o único, e, por acaso, por uma dessas injustiças da vida, não fui conde!

Esta cisma do Sr. Eça de Queiroz comigo remonta aos idos tempos do Verão de 1869, quando resolveu com os seus cúmplices, Antero de Quental e Batalha Reis, publicar, à minha revelia, *Serenata de Satã às Estrelas*. Eu desejava ficar incógnito e eis que tinha admiradores a bater à minha porta!

Essa foi a primeira falta desse homem! Esse Sr. Eça de Queiroz! E quanto à parte de culpa que Antero de Quental tem neste conluio, quero expor o seguinte:

Há quem designe Antero de Quental de grande, muitos de Santo e outros ainda de Mestre e não raros os que acreditam que ele é todas as denominações acima. Admito encontrar em toda a fé sincera, e por vezes ingénua, uma beleza primitiva porque é, na verdade, muito mais dependente de quem crê do que dos merecimentos do visado!

Seria tudo isto muito tocante, se não fosse eu o lesado! Pois, pergunto-vos, caros patrícios, será um homem - ainda que em conluio com outro(s) - que publica os versos de um terceiro, seu desconhecido, e contra a sua vontade, um Santo? Creio que não!

Porém, a Antero desculpo-o, não só porque se ficou por aí, mas porque introduziu todos aqueles homens que eram do Cenáculo no socialismo e nas obras de Proudhon - e isso terá de valer alguma coisa, ainda que o meu perdão seja talvez uma gratificação demasiado exagerada.

Voltando a esse Sr. Eça de Queiroz, esse aprendiz de dândi, que aprendeu a ler com Hugo (o Víctor), a escrever com Flaubert e a vestir-se comigo! O que me deixou deveras arreliado foi, como já mencionei, a divulgação das minhas cartas! Eram cartas pessoais, umas quantas a mulheres que privilegiei com o meu affecto, algumas à minha madrinha e outras a figuras importantes do nosso tempo. Ora tudo isso obriga-me a uma retaliação! Como o Sr. Eça de Queiroz fez a descortesia de partir muito cedo para que eu conseguisse, de onde me encontrava - já não me lembro se na Índia se no Nepal

-, ao ter conhecimento do que se passava com as minhas cartas, regressar a tempo, fiquei impedido de ter a minha desafronta.

De qualquer forma, nunca fui homem de acreditar em bengaladas, menos ainda em duelos. Sempre considerei os duelos um costume bárbaro, pois, se um homem não é capaz de pegar na sua caneta e fazer justiça com ela, não é lá grande homem! E se Deus quisesse que andássemos todos por aí à bengalada, teríamos nascido com mocas nas mãos e os leões e os tigres com aparos em vez de garras! Mas Deus, para mim, é o "Senhor Hugo Todo-Poderoso" e um homem incapaz de fazer justiça pela sua própria caneta não é um *gentleman*.

E quem não é *gentleman* não é homem de nenhum outro tipo, pelo menos dos que valem a pena ser mencionados e que envergam com orgulho a sobrecasaca talhada à medida, plastrão negro e sapatos irrepreensivelmente envernizados - evidentemente por alguém que não o próprio.

Restava-me, portanto, ferir o Sr. Eça de Queiroz com o meu aparo em algo que lhe causasse uma verdadeira dor! Atingir aquilo que mais o molestasse!

Se ele fosse um capitalista, mexer-lhe-ia no dinheiro!

Se ele fosse um político, mexer-lhe-ia no dinheiro!

Se ele fosse um advogado, mexer-lhe-ia no dinheiro!

Sendo um homem de letras, não tem dinheiro!

Mas, sendo um homem de letras, talvez lhe pudesse mexer nas suas horas de sono; porém, uma vez que o descanso eterno já lhe pertencia, não havia nada que pudesse fazer quanto a isso.

Mas sendo este homem de letras o Sr. Eça de Queiroz, havia mais uma coisa que eu podia fazer: expor a sua vida! Pois, a um homem que sempre quis ocultá-la, a melhor *revanche* que se pode ter é *desocultá-la*!

O Sr. Eça de Queiroz disse um dia: "Eu não tenho história, sou como a República do Vale de Andorra."

Pois eu, Fradique Mendes, onde se reúnem e fundem as mais elevadas qualidades de um ser humano, serei historiador e mostrarei que a República de Andorra não só tem história, como a tem muito picante!

Ah, mas serei também crítico literário e demonstrarei que o Sr. Eça de Queiroz era um plagiador! E um dos piores tipos, daqueles que plagam a sua própria vida!

Tudo isto me lançou numa terrível hesitação! Pois para concretizar o que me propunha deveria levar a cabo o trabalho medonho de ler todas as obras deste autor que a nossa pátria se habituou - ou acomodou - a venerar, considerando-o como o seu mais alto representante! E, neste ponto, as nossas opiniões - minha e do escroque - coincidem, pois ele chegou a admitir: "os meus romances importam pouco; está claro que são medíocres". Mas isso não me afastava menos do dever de ler esses mesmos romances!

Sapristi!

Depois de acender o charuto e muito analisar - o tempo de fumar esse mesmo charuto -, recolhi-me à minha *chambre* e, despindo o *peignoir*, concluí: depende isso inteiramente do tempo que eu esteja disposto a desperdiçar com o assunto e do quão profunda é a minha necessidade de dar a esse embusteiro, o Sr. Eça de Queiroz, a lição que ele merecia, ainda que morto. Pois se, "como diz o Eclesiastes, cada passo encurta a distância da sepultura", aquele senhor não só encurtou os passos para a minha sepultura, como me enterrou em vida e ainda publicou a minha correspondência sem o menor direito de o fazer, como, de resto, já acontecera antes com *As Lapidárias*.

E pensando no tempo que não estava disposto a gastar, percebi a utilidade dos duelos e das bengaladas! Mas o homem já estava morto! E eu, mesmo sem tempo, nunca deixo de ser um *gentleman* ou abandono o meu monóculo!

Por isso, embrenhei-me por esse bosque de alta *escroquerie* que eram as folhas de literatura do Sr. Eça de Queiroz e fiz da minha *vendetta* este opúsculo!

Será este o meu feito - mais um - e o fim da lenda literária da cena portuguesa, José Maria Eça de Queiroz.

Fradique



[Lisboa, 1889]

Percorrera o caminho-de-ferro do Norte, desde o Porto até à sua estação final, em Santa Apolónia.

Eça olhou para o relógio da estação, que se encontrava muito silenciosa. Apenas o resfolegar da máquina que cessara a sua marcha quebrava aquele silêncio. O relógio de parede da estação estava parado, constatou Eça, obrigando-o a tirar o seu do bolso e ver as horas. Era meia-noite e o cônsul encontrou logo naquela avaria do relógio um mau presságio.

As pessoas saíam apressadas do comboio como se, àquela hora, tivessem algum compromisso. Só se fosse com o sono ou com a cama, pensou Eça, eventualmente com alguma espanhola, acrescentou à lista, sem saber que a mãe e a irmã Miló o esperavam com um caldo de galinha quente e outras delícias da culinária portuguesa.

Eça desceu do comboio sem encontrar ninguém que o ajudasse com as malas. Começava mal a sua chegada a Lisboa, pensou. Os passageiros saíam dos vagões e iam-se dispersando como formigas ao longo da plataforma, dirigindo-se para as altas portadas, àquela hora já apenas entreabertas.

Da rua, além da escuridão, uma frialdade típica das noites de marçação infiltrava-se pela brecha das portadas da estação. A luz amarela dos candeeiros a gás dava uma falsa sensação soalheira e deixava logo

antever o deserto na frontaria da estação. Os passageiros que tinham partilhado por algumas horas o mesmo espaço com Eça desapareciam aos poucos, transformando-se em silhuetas negras assim que atravessavam o portal e entravam na noite com aqueles sóis a gás por cima das suas cabeças.

O que era feito daquele rapaz magro e de olhos tristes que estava sentado dois lugares à frente do seu? Ou aquela família composta por uma avó, que de tão magra parecia tísica, por um pai, robusto, uma mãe, com um ar tão definhado quanto o da avó, e por uma filha, de bochechas coradas, ostentando a saúde que as mulheres daquela família não tinham? E aqueloutro, a segurar com uma mão uma bengalinha, que constantemente vergava no chão, e com a outra o *lorgnon*? Fez-lhe lembrar o Ramalho.

Todos desapareciam na escuridão, como se ao saírem por aquela porta entrassem por uma outra para um qualquer sítio onde, pelos vistos, não precisavam de tipóias. Essa era a primeira coisa que Eça percebera — não havia no exterior qualquer carro à espera dos passageiros que chegavam de madrugada pela linha do Norte.

Eça tornou a olhar em volta, já quase não havia passageiros na estação. Apenas uns últimos resistentes que, como ele, se recusavam a acreditar no que os seus olhos viam: não havia tipóias!

Numa extremidade da estação, o chefe da mesma, sem barriga para encher a camisa larga que vestia e que já fora mais branca, com o pescoço e o queixo amarrados num lenço para o proteger daquela friagem acutilante que passava em corrente de ar nas linhas, conversava com dois carregadores, ambos com cigarros presos nos dentes.

Eça aproximou-se sem saber se deveria perguntar o que se passava ou reclamar uma tipóia. Reclamou uma tipóia:

“O carregador atirou a jaleca para cima da cabeça, saiu ao largo, e recolheu logo anunciando com melancolia que não havia tipóias. — Não há! Essa é curiosa! Então como saem daqui os passageiros? O homem encolheu os ombros. ‘Às vezes havia, outras vezes não havia, era conforme calhava a sorte...’ Fiz Eça fez reluzir uma placa de cinco tostões, e ~~supliquei~~ suplicou aquele benemérito que corresse as vizinhanças da estação, à cata dum veículo qualquer com rodas, coche ou carroça, que me o levasse ao conchego dum caldo e dum lar. O homem largou, resmungando.”¹

O chefe da estação e o outro carregador ficaram a olhar para Eça, como que esperando deste uma solução para o caso. Como ela não vinha, o

primeiro tirou uma caixa metálica do bolso, de onde apareceram pequenos charutos; ofereceu um a Eça e tirou outro para si, fechando a caixa sem obsequiar o outro homem.

Eça nunca aceitaria de um desconhecido nada que fosse para levar à boca, conhecia os átomos, os agentes patogénicos e os micróbios. Ah, menino, os micróbios! Sabia que, desde que se tinham começado a observar ao microscópio materiais biológicos, muita coisa tinha sido descoberta e muitas dessas podiam provocar doenças. E sem serem vistas! Eça pensava nisso enquanto o chefe da estação, já com o charuto aceso na boca, se deliciava com as nuvens negras e malcheirosas que produzia.

“Assim se arrastou um destes quartos de hora que fazem rugas na face humana.

Finalmente, o carregador voltou, sacudindo a chuva, afirmando que não havia uma tipóia em todo o bairro de Santa Apolónia.

— Mas que hei-de eu fazer? Hei-de ficar aqui?”

— O melhor será vossemecê ir-se e as suas malas ficarem-se — começou o chefe da estação, tirando o charuto da boca para falar melhor, mas com igual resultado se o tivesse deixado ficar. — Amanhã de manhã, vossemecê volta cá com uma carruagem certa e muito a seu contento, e leva as suas malas consigo.

Eça revirou os olhos, mortificado pelo uso que o chefe da estação fazia da língua portuguesa e pela eventualidade de ter de se separar das suas malas.

Não, não podia ser, avaliou. Todo o seu conforto ia naquelas duas malas e não podia apartar-se dos seus bens essenciais para passar uma boa noite até à próxima manhã. Como andaria no quarto sem as suas *pantoufles* e o seu *robe de chambre*? Como dormiria sem o seu *cache-nez* — pois que por vezes havia correntes de ar nos quartos de hotel que não se conseguem amenizar? E sem o seu *cache-yeux*? Pois as luzes, menino! As luzes que entram, insidiosas, por aquela greta que a junção dos cortinados deixa sempre aparecer!

E a *brosse à dents*? E o elixir? Oh, Deus! Eram tantas as coisas que precisava para o seu conforto! Bem lhe chegava, havia uns dois anos, ter perdido numa carruagem o verniz dos sapatos! O transtorno que isso lhe causou!

E o Fradique? Ia abandoná-lo ali, na estação, enquanto ele iria dormir — mais ou menos confortavelmente — no Universal? Ah, não, não se iria desapegar de Fradique Mendes!

Aquela separação não convinha em nada ao seu conforto, repetiu para si.

Restava a Eça sair e esperar à porta da estação por uma caleche.

“Em todas as estações do Mundo, mesmo em Tunes, mesmo na Romélia, havia, à chegada dos comboios, ônibus, carros, carretas, para transportar gente e bagagem... Por que não as havia em Lisboa?”

Remoía Eça, apesar de nunca ter estado na Romélia e de ter passado longe da estação de comboios de Tunes. Tunes... o Oriente... Luís de Resende. Morreu sem chegar a ser seu cunhado, ele que fora tão seu amigo. E, assim, logo o seu pensamento foi ao encontro de Emília, que deixara no Porto, com os meninos e as criadas.

Uma brisa aguçadamente gélida cortou os seus pensamentos.

“Espera amarga, espera estéril! Nenhuma luz de lanterna, nenhum rumor de rodas, cortam a mudez destes ermos.”

Disse, voltando a estar em Santa Apolónia, debaixo da iluminação amarela dos candeeiros a gás.

Sempre que chegava a Lisboa, a Portugal, todos os problemas da nação lhe surgiam como que ampliados pela lente de aumentar que o perseguia. Lá fora as qualidades de Portugal eram aumentadas, cá dentro eram os defeitos que se ampliavam.

Que fazer? Foi a vez de Eça de tirar uma *cigarette* do bolso e puxar-lhe, nervosamente, o lume. Mal acendeu o cigarro, Eça atirou-o fora, esborrachou-o com a sola do sapato como se fosse uma barata — embora se fosse de facto uma barata não o fizesse — e, acenando, chamou dois carregadores. Ofereceu cinco tostões a cada — o que fazer? —, para que lhe carregassem as bagagens até à Baixa ou até encontrarem um veículo qualquer, coche ou carroça, fiacre ou tipóia.

Avançando pelas ruas desertas, não se ouvia qualquer rumor de rodas ou um resfolegar de cavalo. E Eça, naquele momento, teve vergonha de Portugal.

Por fim:

“uma caleche, uma positiva caleche, rompeu a passo do negro-me duma viela. Três gritos, sôfregos e desesperados, estacaram a parrelha. E, à uma, todas as malas rolaram em catadupa sobre o calhambeque, aos pés do cocheiro”.

Mediante quinze tostões, o cocheiro condescendeu em levá-lo à Baixa. Como era já demasiado tarde para que fosse para o Rossio, para a casa dos pais — que ainda o esperavam, sem que ele soubesse —, pediu, portanto, que o cocheiro o deixasse no Chiado, no Hotel Universal.

Por ser já tarde, também no Universal já não havia o que cear. Depois de deixar as malas no quarto, saiu em busca de um restaurante, só encontrou um aberto àquela hora e em sítio ignoto, onde tragou uma cerveja estragada!

Sebo! Sebo, para esta primeira noite em Lisboa, resmoneou.

De volta ao quarto, Eça abriu as malas, calçou os seus chinelos, vestiu a camisa de dormir e colocou por cima o roupão. Tirou os manuscritos fradiscanos, recostou-se na cama e começou a lê-los.

Non, non, pas du tout! Não ia continuar a carta que já começara. Tinha de escrever sobre a pitoresca cena — leia-se “ridícula e pouco civilizacional” — que lhe acontecera naquela noite. Como teria reagido Fradique Mendes?

“A ‘MADAME’ DE JOUARRE

Lisboa, Março.

Minha Querida Madrinha. — Foi ontem, por noite morta, no comboio, ao chegar a Lisboa (vindo do Norte e do Porto), que de repente me acudiu, à memória estremunhada, o juramento que lhe fiz no sábado de Páscoa em Paris...

(...) Era Lisboa e chovia. Vínhamos poucos no comboio, uns trinta talvez — gente simples, de maletas ligeiras e sacos de chita, que bem depressa atravessou a busca paternal e sonolenta da Alfândega, e logo se sumiu para a cidade sob a molhada noite de Março...

(...) Reclamei uma tipóia. O carregador atirou a jaleca para cima da cabeça, saiu ao largo, e recolheu logo anunciando com melancolia que não havia tipoias.

— Não há! Essa é curiosa! Então como saem daqui os passageiros?”²

Eça levantou o aparo do papel e suspirou, pensando em Emília e nos meninos. Como pudera pensar um dia que uma casa cheia de crianças pudesse ser um lugar “fecundo em trabalho produtivo”? Mais uma vez regozijou-se por ter concluído *Os Maias*, pois ali no Universal, sem um choro de uma criança a sobrepor-se ao silêncio da noite ou os ciúmes de uma esposa a fazer tremelicar a calma do dia, teve a perfeita percepção que as obras de fôlego tinham terminado para si.

Restavam-lhe *Fradiquices*. E os jantares no Tavares ou no Bragança, com Bernardo Pindela, Sabugosa, Carlos Mayer, Oliveira Martins, Ramalho e *tuti quanti*, enquanto estivesse por Lisboa. Haveria um no dia seguinte à noite. Aliás, logo mais à noite.

O homem d’*Os Maias*, d’*O Primo Basílio* e d’*O Crime do Padre Amaro*

tinha acabado. Restavam-lhe as *Fradiquices*, repetiu para si, outros contos e algumas recordações que ainda podia transformar em qualquer coisa para além de saudade.

Pegou no manuscrito fradique, na parte introdutória, e começou a relê-la.

“Então, alegremente, recordando Coimbra, Fradique perguntou-me pelo Pedro Penedo, pelo Pais, por outros lentes ainda, do antigo tipo fradesco e bruto; depois pelas tias Camelas, essas encantadoras velhas, que escrupulosamente, através de lascivas gerações de estudantes, tinham permanecido virgens, para poderem no Céu, ao lado de Santa Cecília, passar toda uma eternidade a tocar harpa... Era uma das suas memórias melhores de Coimbra essa taverna das tias Camelas, e as ceias desabaladas que custavam setenta réis, comidas ruidosamente na penumbra fumarenta das pipas, com o prato de sardinhas em cima dos joelhos, por entre temerosas contendas de Metafísica e de Arte. E que sardinhas! Que arte em frigir o peixe!”

Que sardinhas! Que arte em frigir o peixe! As tias Camelas? Estariam elas ainda vivas? Virgens por certo que sim... Ah, as sardinhas! Que diferença daquela comida à francesa que se servia nos hotéis e que o punha doente... Do corredor do hotel, chegavam-lhe gargalhadas estridentes e sorriu, deixando-se ir nas lembranças...



... As gargalhadas evolavam-se juntamente com o fumo do tabaco e formavam uma névoa quase palpável que enchia todos os espaços escuros entre as pipas de vinho e as mesas já muito negras do tempo e as cabeças desgrednhadas, tornando tudo tão ligeiro e vaporoso quanto o próprio fumo, como se tudo decorresse dentro do espaço de um sonho.

José Maria estava em mangas de camisa, abancado nas Camelas com os colegas. Eram os boémios de Coimbra, veteranos das Letras ou de Direito, alguns até de Teologia, alguns agitadores de ideias, outros arrebatadores

de corações e ele, José Maria Eça de Queiroz. Discutiam arte e literatura, contavam anedotas e descreviam as suas aventuras na casa da espanhola Lola, tudo muito regado com “o competente verde, rascante ou carrascão, a 15 rs. o quartilho”³. Sentados em bancos de três pés e com uma camada de pó a servir de toalha sobre as mesas negras e amolecidas pela humidade, e a broa de milho a embeber-se dos sucos do peixe frito que lhes enchia o prato, cada um pretendia ser mais estroina do que o vizinho.

Havia pouco tempo que José Maria se dava a estes rasgos de boémia e liberdade e por isso ainda não se sentia completamente um deles. Contemplava-os como quem olha de fora, de longe, com devoção, um pouco como quem venera um santo, lhe limpa um altar, lhe põe flores e lhe acende uma vela.

Primeiro, pelo seu aspecto, todo ele frágil e esganiçado: olhos esburacados, um pescoço por demais prolongado, as covas do rosto demasiado encovadas, um nariz adunco e muito comprido, membros intermináveis quase até à inverosimilhança e tão lineares quanto duas rectas desenhadas num exercício de geometria.

Segundo, tudo neles assentava bem, como num fato maravilhosamente talhado que se pudesse envergar com orgulho e dar uma volta, lentamente, para mostrar o fino corte da cinta. E José Maria não pensava de facto em fatos, mas naqueles gestos, como o simples passar dos dedos pelo bigode, ou naqueles ditos, tão simples quanto “temos homem”, que caía neles, de facto, como aquele fato maravilhosamente talhado.

Terceiro — e este terceiro é que fazia José Maria sofrer de um certo sentimento de inferioridade —, eles eram todos filhos legítimos e ele um filho natural. Talvez esse sentimento que o dominava fosse sem razão, uma vez que os pais, para o legitimarem, contraíram matrimónio, mas só quase quatro anos após o seu nascimento. Contudo, nunca deixara de se sentir apenas filho natural, pois nunca tomara parte da grande família que os pais construíram após o matrimónio e a sua suposta legitimação.

Imaginava muitas vezes os pais e os irmãos, nos seus trajes de missa feitos de seda — e talvez até caxemiras —, depois da celebração das onze, dentro de um fiacre rolando com pressa para a abundância do almoço domingueiro. Se não tinham vergonha dele, porque nunca o tinham levado para casa e raramente para um desses almoços de domingo?

Quarto, todos pertenciam à “coelheira” — José Maria incluído. A “coelheira” era o grupo que ocupava as últimas bancadas na sala de aula. Porém, nem todos os “coelhos” eram iguais: como numa espécie de

divisão por castas, cada um ocupava a sua posição. Vários ficavam à porta e só entravam quando eram chamados para a lição, outros mergulhavam para debaixo do banco quando o lente percorria com os olhos a pauta para chamar aquele que deveria vomitar a sebenta, uns jogavam às damas num tabuleiro desenhado na capa do compêndio e alguns, poucos, liam romances.

José Maria lia romances. Por isso, na hierarquia dos cábulas, José Maria ocupava o lugar mais baixo, era um dos pacatos, dos calados. Porém, antes pacato na “coelheira”, do que um “urso”, ou seja, um aluno aplicado, daqueles talvez chegados do fundo da província, talvez filho único, talvez primogénito, talvez educado pelas titis, talvez nada disso... Fosse como fosse, o certo era que todos eram rebeldes ao ensino tradicional, ao mesmo tempo que cultuavam Garibaldi e a Itália redimida e viam nos compêndios traduzidos do francês, nos lentes e no reitor o seu grande motivo para revoltas e rebeliões.

A grande rebeldia de José Maria era ler. Ler romances franceses. Lia Victor Hugo.

Enquanto os alunos aplicados julgavam que as suas capacidades, e talvez até virtudes, se desenvolveriam prodigiosamente na universidade, como semente que germina em terra fértil, Eça encontrava essa força fecundadora na leitura de Victor Hugo. Sentia que quase aprendera a ler com Hugo. Mais, sentia que fora criado dentro da obra dele. Contudo, via que os seus queridos camaradas apenas mantinham pelo Mestre uma respeitosa aversão. A sua rebeldia parecia de pechisbeque, estava confinada à leitura de Hugo, que nem os cábulas nem os “ursos” apreciavam, e a contracenar no Teatro Académico. Nos primeiros anos, mais do que o acesso à boémia e à rebeldia de Coimbra, a “coelheira” permitiu-lhe passar despercebido, mas o Teatro Académico foi o seu passe para a noite. Quando antes se recolhia ao toque da Cabra, passou, depois de descidos os panos, a esticar a noite com os seus colegas actores-estudantes.

Por tudo isso, José Maria contemplava, como quem olha de longe: Guerra Junqueiro, Gonçalves Crespo, Bernardino Machado, Antero de Quental, Carlos Mayer, João Penha... Contemplava-os como se não pertencesse ali.

Antero, por exemplo... Antero, com os seus cabelos densos e loiros e a barba frisada e ruiva, ainda que à média luz das Camelas brilhasse como se todo ele estivesse nimbado por uma auréola de santo, era ainda um génio. Era um génio que era um santo.

Mas mesmo os outros, ainda que embaciados pelo fumo negro dos cigarros e o odor a sardinha frita, mantinham um porte altivo, um toque de classe, e pareciam ter uma existência mais interessante do que a sua.

Carlos Mayer era o proprietário do maior e mais luxuoso quarto de Coimbra.

João Penha era o maior boémio de Coimbra, mas uma das figuras mais respeitadas também. Bastava o nome “João”, para todos na academia sabermos que se referiam a ele.

Antero de Quental era O Maior. *C'est tout.*

Era assim que José Maria via Antero e assim era desde o momento em que o vira, não pela primeira vez, porque imensas vezes se cruzara com ele pelos corredores da academia, mas desde uma certa noite de Primavera...

Era uma noite plácida de Abril, ou Maio. Não importava o mês, desde que ele pudesse comportar a placidez da noite, uma Lua muito branca e muito cheia e um bafo morno soprado das alturas que carregava consigo a promessa de uma trovoadas. José Maria atravessava sozinho o Largo da Feira, pois nessa altura andava sempre sozinho e com o ar ensimesmado de quem andasse no deserto à caça de um tigre. As suas armas eram os livros dos franceses: Balzac, Nerval, Proudhon, Heine (que era alemão, mas que morreu em França e que José Maria lia em francês) e, claro, o grande Hugo. Eram as suas armas e as suas amantes, pois carregava-os como se pusesse neles a salvação da sua própria vida e lia-os com a sofreguidão de um amante que beija pela primeira vez a sua amada. Por andar sempre com livros debaixo do braço, havia quem o confundisse com um “urso”, mas não era, porque lia os autores franceses com um interesse que as sebatas nunca lhe despertaram.

A fachada branca da Sé Nova e as lajes também muito claras rebrilhavam sob a claridade do luar, mas José Maria atravessava a praça sem reparar na Lua, nem na igreja, de olhos colados no movimento dos seus próprios pés. Nuvens surgiram, empastando o céu e embaciando aquela claridade muito viva. Grossas mas espaçadas gotas caíam, esborrachando-se no rosto de José Maria e pintalgando de escuro a calçada. O jovem ergueu o rosto, mais por reflexo do que por curiosidade, e, em simultâneo, alevantou-se uma voz estrondosa, como se fosse já a queda dos trovões.

— “... os transcendentales recantos

Aonde o bom Deus se mete,

Sem fazer caso dos Santos

A conversar com Garrett!”⁴

As linhas simples, mas fortes, da Sé Nova desmaiavam perante aquele colosso fulvo que das escadarias da igreja, de barba frisada e pontiaguda, capa a rojar pelo chão e a descobrir-lhe um peito arfante de guerreiro e braço erguido a pretender tocar a moradia celestial, intimava o seu senhorio.

— “É o Antero” — sussurrava-se entre lábios que mal se moviam, como se pronunciassem uma oração.

José Maria, “descompenetrando-se” finalmente de si e da agitação interior dos seus pensamentos, olhou na direcção daqueles murmúrios de igreja. Não estava só. Atravessava a praça da Sé Nova crendo-se sozinho, mas ao olhar em volta descobria todo um bando de gente sentado, estático, qual sombra, pelas escadas da igreja. Estavam arrebatados, exaltados, pareciam devotos agachados a rezar o terço.

Eram devotos de Santo Antero! E Santo Antero pregava naquela noite:

— “Epitecto, meu amigo,
Quero ouvir o teu ditame
E aconselhar-me contigo...”

A capa negra daquele bardo sobre a cantaria clara, as sombras escuras dos discípulos sobre a escadaria branca... Todo aquele contraste a preto e branco era um interlúdio de vida entre a vida muito colorida que vivia, mas pelos romances. José Maria estacou, ele próprio enlevando-se e extasiando-se nas palavras de Antero, onde “Deus conversava com Garrett. Depois, conversava com Platão e com Marco Aurélio. Todo o Céu era uma radiante academia”.

Antero cantava aos céus e José Maria tinha a impressão de ter tirado os olhos dos livros para ver uma personagem digna de romance, ou viver ele mesmo toda uma cena de romance.

José Maria destraçou a capa e sentou-se ele também, juntando-se a todos os outros devotos, pois um discípulo não podia ficar de pé ante o mestre que falava. A noite transformara o degrau num caixote de gelo, mas o estado de exaltação em que se encontrava imunizava-o contra as perturbações exteriores. Estava praticamente aos pés de Antero, prostrado pelo encanto.

“Coimbra vivia então numa grande actividade, ou antes num grande tumulto mental. Pelos caminhos-de-ferro, que tinham aberto a Península, rompiam cada dia, descendo da França e da Alemanha (através da França) torrentes de coisas novas, ideias, sistemas, estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários... Cada manhã trazia a sua revelação, como um Sol que fosse novo. Era Michelet que surgia, e

Hegel, e Vico, e Proudhon; e Hugo tornado profeta e justiceiro dos reis; e Balzac, com o seu mundo perverso e lânguido; e Goethe, vasto como o Universo; e Por, e Heine.”⁵

Antero era o mestre de todos, o maior, um génio, um... Quase se podia comparar aos franceses que Eça tão avidamente lia à noite, à luz da torcida de azeite. Por aquela altura, Antero já publicara *Beatrice* e *Fiat Lux* e eram do conhecimento da academia algumas das suas obras ainda manuscritas, como as *Odes Modernas*.

Ele era o Príncipe da Mocidade, porque resumia com um brilho maior os defeitos e as qualidades daquela rebelde geração “e (...) penetrava no mundo do pensamento com audácia, inventividade, fumegante imaginação, amorosa fé, impaciência de todo o método, e uma energia arquejante que a cada encruzilhada cansava”.

Já vira Antero antes pela academia, conhecia-lhe a fama e as qualidades, mas naquela noite de Abril ou de Maio, em que acabou por não chover nem haver trovoada, quando aquele “homem com efeito cantava o Céu, o Infinito, os mundos que rolam carregados de humanidades e a luz suprema habitada pela ideia pura,” José Maria sentiu-se um discípulo. “E para sempre assim se conservaria na vida.”

A partir daquele momento, apesar de lhe bater o coração sempre que pensava nisso, o desejo de conhecer — de facto conhecer — Antero agigantava-se a cada dia. Naqueles tempos, em que chegavam à rapaziada de Coimbra, galgando os Pirenéus através dos caminhos-de-ferro, os feitos de Garibaldi, toda a academia sonhava em, de mangas de camisa arregaçadas e com o ímpeto de um touro desembolado, avançar com ele na conquista das Duas Sicílias, e José Maria desejava, com o mesmo ímpeto fulgurante, aproximar-se de Antero.

Um dia, esse dia chegou...



[Lisboa, quarto de hotel no Universal, 1889]



No quarto de hotel, já apenas se ouvia o silêncio e esse ruído silencioso despertou-o das lembranças e Eça voltou-se para o papel, para escrever com a frescura das memórias aquele momento e colocá-lo noutra carta de Fradique Mendes.

“Gastei a noite preparando frases, cheias de profundidade e beleza, para lançar a Fradique Mendes! Tendiam todas à glorificação das LAPIDÁRIAS. E lembro-me de ter, com amoroso cuidado, burilado e repolido esta: — ‘A forma de V. Exa. é um mármore divino com estremecimentos humanos!’

De manhã apurei requintadamente a minha *toilette* como se, em vez de Fradique, fosse encontrar Ana de Léon — com quem já nessa madrugada, num sonho repassado de erudição e sensibilidade, eu passara na Via Sagrada que vai de Atenas a Elêusis, conversando, por entre os lírios que desfolhávamos, sobre o ensino de Platão e a versificação das LAPIDÁRIAS.”

[Coimbra, 1861-1866]

“De manhã, [José Maria] ~~apurei~~ apurou requintadamente a ~~mi-~~ ~~nha~~ sua *toilette* como se, em vez de Fradique Antero, fosse encontrar Ana de Léon — com quem já nessa madrugada, num sonho repassado de erudição e sensibilidade, ~~em~~ ele passara na Via Sagrada que vai de Atenas a Elêusis, conversando, por entre os lírios que ~~desfolhávamos~~ desfolharam, sobre o ensino de Platão e a versificação ~~das~~ LAPIDÁRIAS de BEATRICE.”

José Maria caminhava para o Largo de São João, a casa de Antero, com o mesmo ardor e dedicação com que subiria ao rochedo de Guernesey, a ilha onde Victor Hugo se exilara para fugir a Napoleão III — um desafecto europeu que tinha adoptado como seu, tanto quanto o amor a Garibaldi.

O largo calcetado de São João oferecia, de facto, a mesma dificuldade de progressão que o rochedo empinado de Guernesey, a avaliar pelos passos miúdos e hesitantes de José Maria. Estava tímido e também nervoso, como se fosse a mão do próprio Victor Hugo que se preparava para apertar. Aliás, salvaguardadas as devidas diferenças, Antero era Hugo, logo, a casa no Largo de São João era a casa no rochedo de Guernesey, logo, de difícil acesso.

Depois daquela noite, junto à Sé, José Maria trocara algumas palavras com Antero, mas continuava sem qualquer intimidade com ele. E ele era um génio! Estava com medo de não corresponder em inteligência ao que o colega esperaria dele, tal como, com certeza, não corresponderia à inteligência que Victor Hugo esperaria de qualquer mortal que lhe ousasse dirigir a palavra.

Queria impressionar aquele Príncipe!

“~~Gastei~~ Gastara a noite preparando frases, cheias de profundidade e beleza, para lançar a Fradique ~~Mendes~~ Antero de Quental! Tendiam todas à glorificação ~~das~~ LAPIDÁRIAS de BEATRICE. E ~~lembro-me~~ lembrava-se de ter, com amoroso cuidado, burilado e repolido esta: — ‘A forma de V. Exa. é um mármore divino com estremecimentos humanos!’”

Porém, a infinita curiosidade era maior do que a timidez e o nervosismo

e José Maria apresentou-se em casa de Antero de Quental. Era o típico quarto da velha Coimbra: as portas grosseiramente pintadas de azul, o tecto alto, forrado a madeira tristemente enegrecida de velhice, com alguns buracos do bicho, e as paredes riscadas por cinquenta anos de cabeças de fósforo, de enxofre inicialmente e depois de cera, ali riscadas para acender a torcida de azeite ou o cigarro, conforme a companhia mais necessária na altura. Pois tanto candeeiro quanto cigarro pertencem às matérias das coisas que fazem companhia e, por vezes, acalmam.

A um canto do quarto ficava uma cama de ferro, num alinhamento tão rígido quanto o metal que a compunha. Em frente da janela, uma tosca mesa de pinho amparava uma Bíblia — foi por essa altura que José Maria descobriu essa novidade: a Bíblia! —, um Virgílio, um caderno de papel e um maço de cigarros. Até a ordem pela qual Antero arrumava os seus pertences deslumbrava José Maria. Com efeito, visitar Victor Hugo no seu exílio não teria tido, possivelmente, maior efeito. Embora desconfiasse que atravessar o Canal da Mancha não fosse menos tormentoso do que fora a travessia do Largo de São João.

— Olá! — rugiu Antero de Quental ao ver o colega de faculdade, aquela fraca figura encolhida ao canto da janela.

José Maria não conseguiu evitar um estremecimento, do qual se envergonhou logo a seguir, mas Antero cumprimentara-o como um leão que solta um rugido. E, olhando para ele, para os cabelos fulvos e desgrenhados, a lembrarem uma juba, e para os olhos que mostravam uma desordem interior que se assemelhava a um furor de fera, tudo condizia com um leão. E um leão que se deveria temer!

Algo enfurecia o Mestre, e o ribombar da sola grossa dos seus sapatos a bater no soalho ampliava a figura imponente de Antero. José Maria era três anos mais moço do que o colega, e este, além de todos os méritos e virtudes, estava academicamente alguns anos à frente. José Maria sentiu o estômago encolher. Algo contrariava Antero, seria aquela uma boa hora para lhe atirar a frase que levava toda a noite a formular:

“A forma de V. Exa. é um mármore divino com estremecimentos humanos!”?

Se calhar não deveria tratá-lo por Exa., mesmo sendo ele o grande Antero, pois eram colegas...

Antero, com os sapatos a ribombarem no tabuado, deslocou-se para um móvel alto, no lado oposto àquele em que José Maria se encontrava. Abriu um gavetão e tirou de lá uma quantidade de cartas e papéis. Fazia-o

de uma forma tão feroz que, juntamente com tudo o mais (cabelo-juba, cumprimento-rugido), José Maria voltou a ter a sensação de estar diante de um leão. E um leão enfurecido!

Com o mesmo ímpeto de fera zangada, empurrou de encontro à tosca mesa de pinho uma cadeira igualmente tosca, onde se deixou cair como quem desmorona. E, nesse momento, José Maria suspeitou que era amargura, e não fúria, o que aquele grande leão cansado sentia.

Então, o leão começou a dobrar cada um daqueles papéis que recolhera do gavetão em quatro, depois, sempre de uma forma circunspecta e metódica, mas violenta, dava-lhes outra dobra por cima. Por vezes com o polegar, outras com o indicador, achatava as dobras com uma rapidez e rispidez que lhe deviam queimar o dedo, mas nunca se queixou, nem abrandou. E manteve a pose de austeridade.

Quando Antero empunhou uma faca, os olhos iluminaram-se-lhe selvaticamente, desfazendo um pouco a sua pose mas denunciando um sentimento de vingança, e começou a destruir aqueles papéis, todos escritos, que tão esmeradamente dobrara — e provavelmente da mesma forma escrevera. E José Maria percebeu que passara para sempre o momento em que poderia utilizar a frase que levava toda a noite a montar!

O vingador, de juba fulva e desgrenhada, amontoava os pequenos maços numa resma perfeitamente alinhada. Era um trabalho lento, de tanta precisão quanto a de um relojoeiro, e trágico como o de um coveiro.

José Maria sentia um misto de emoções, não sabendo a qual deveria dar primazia. Perante tudo o que via, sentia-se sobretudo fascinado e, como a timidez estava há muito esquecida, resolveu sair do vão da escada onde por um impulso de medo se refugiara.

Aproximou-se da borda da mesa onde aqueles assassinatos, com profanação de cadáver e tudo, estavam a ocorrer.

— “Oh Antero, quanta ordem você tem na destruição!”

— “O ritmo — murmurou — é necessário mesmo no delírio.”

— “A forma de V. Exa. é um mármore divino com estremecimentos humanos!”

Disse José Maria, arrependendo-se no mesmo instante e engolindo em seco, como se pudesse com isso engolir igualmente as suas palavras.

Aquele olhar devorador de Antero e o seu sorriso que era como um sol nascente, mas sobretudo a réplica de José Maria, tinham-no deixado desordenado por dentro e a frase há muito engatilhada acabara por sair disparada, mas tal era o afã vingador do primeiro que nada ouviu.

“O que me o seduziu logo foi a sua esplêndida solidez, a sã e viril proporção dos membros rijos, o aspecto calmo de poderosa estabilidade com que parecia assentar na vida, tão livremente e tão firmemente, como sobre aquele ~~chão de ladrilhos~~ tabuado onde pousavam os seus largos sapatos de verniz sola grossa, resplandecendo sob ~~potainas~~ calças de linho. A face era do feitio aquilino e grave que se chama cesariano, mas sem as linhas empastadas e a espessura flácida que a tradição das Escolas invariavelmente atribui aos Césares, na tela ou no gesso, para os revestir de Majestade; antes pura e fina como a dum Lucrécio moço, em plena glória, todo nos sonhos da Virtude e da Arte.”⁶

Sempre fascinado, sempre encantado, sempre discípulo daquele homem que falava com Deus, daquele homem que, feito Deus, criava e destruí a sua obra com a mesma paciência, precisão — e até mesmo simetria! —, e daquela alma onde todas as angústias do mundo encontravam lar, José Maria contemplava-o. Contemplava-o à mesa das Camelas, com a nuvem do fumo dos cigarros e o odor do vinho carrascão de Torres, com a mesma devoção e embriaguez que o fazia num altar, sob o fumo do incensório e o aroma dos círios ardidos. Além de Antero, José Maria olhava para os outros colegas de academia, das Camelas e das noitadas, também com enlevo.

Todos eles tinham um *je ne sais quoi*...

Talvez soubesse o quê... Todos eles tinham vida e todos eles tinham o porte e todos eles tinham a graça... *Voilà!*

— Ó tia Maria, quanto é que eu devo aí? — gritou José Maria por cima dos fumos e dos seus pensamentos.

Não pretendia saber quanto devia à irmã Camela, mas queria pôr fim àqueles pensamentos tristes sobre si. Já lhe bastava a imagem do espelho, não precisava, nem queria, uma imagem feita de palavras e comparações com aqueles mocetões e de onde saía sempre a perder. Existia ainda naquela pergunta o prazer da réplica...

— “Filho, tu é que sabes; eu sei lá quanto comeste, nem quanto gastaste. Olha, dá para aí aquilo que entenderes que deves.”⁷

Os rapazes gargalharam como se nunca a Maria Camela tivesse soltado aquele dito, José Maria imitou-os. Havia naquela Maria Camela, assim como nas outras duas, *quelque chose* de personagem de romance, pensou. Eram três irmãs velhas, virgens e proprietárias de As Camelas, uma taberna na alta de Coimbra, mais precisamente com entrada pela Rua do Borrvalho.

A taberna das Camelas era um cubículo adornado na frente por um

enorme ramo de loureiro. A ladear a entrada ficavam dois caixotes com dois alguidares de barro cheios da bela sardinha já frita e quadros de santos enfeitavam as paredes. Ao fundo da taberna instalava-se o fogão, onde as mãos hábeis da tia Maria Camela mais velha reviravam as sardinhas no azeite quente. Aquele peixe frito era melhor do que qualquer comida de banquete. Havia lugar, vendo bem, apenas para a pipa do vinho e o fogão, mas, com os pratos de sardinhas fritas assentes sobre os joelhos, uma pequena caterva conseguia sempre encontrar o seu espaço.

“Era uma das suas memórias melhores de Coimbra essa taverna das tias Camelas, e as ceias desabaladas que custavam setenta réis, comidas ruidosamente na penumbra fumarenta das pipas, com o prato de sardinhas em cima dos joelhos, por entre temerosas contendidas de Metafísica e de Arte. E que sardinhas! Que arte divina em frigar o peixe!”⁸

Um Santo António de barro, continuamente alumiado por uma torcida de candeia de azeite, acomodava-se como podia por lá e, por vezes, os estudantes deixavam-lhe um pataco. Era o Azeiteiro. Era assim que os estudantes o chamavam porque as tias Camelas, que nunca apontavam nada do que os rapazes ali deviam, sempre pediam, porém, um pataco para o azeite do Santo Antoninho.

O lugar era exíguo, mas o talento das Camelas, todas com o nome da Virgem, para fritar sardinhas era apenas comparável à sua persistência e teimosia em conservarem-se puras apesar das centenas e centenas de estudantes boémios, desbocados e graciosos que por ali tinham passado. As tias Camelas conservaram-se virgens — e não permaneceram, pois há no primeiro verbo a denúncia, a intenção de vontade, no segundo apenas a fatalidade das circunstâncias — contra todas as probabilidades contextuais.

As Camelas, nome da tasca, eram na realidade as irmãs Camelas, também consideradas as Mães da Academia, apesar de o seu estado não lhes permitir serem mães de ninguém, mas, tal como a Virgem que lhes dava o nome, eram mães sem terem concebido. Eram mães porque alimentavam uma rapaziada com idade para serem seus filhos, talvez até já netos, e aqueles que não podiam não pagavam de todo ou faziam-no no fim do mês, aquando da chegada das mesadas de Lisboa, Porto ou de algum grande proprietário do interior ou das ilhas, como era o caso de Antero. Eram mães porque junto delas não havia necessidades.

Eram velhinhas queridas, apesar do aspecto magro, ressequido e corcovado fazer lembrar o de uma bruxa das histórias contadas à noite, à lareira.

Os cabelos brancos e a doçura da voz amenizavam o receio, à primeira vista, que as órbitas encovadas e os seus olhos grandes, raiados de sangue e humedecidos pelo fumo da frigideira e do tabaco, pudessem causar.

Era provável que a humidade também fosse devida à saudade e, talvez também, a algum lamento que a vida deixa sempre como amargo de boca. Não lamentavam nunca terem sentido o toque de um homem para lá daquele que por um acaso se dava quando um daqueles varões depositava nas mãos delas os trinta e cinco réis pelo peixe e pelo vinho. Não lamentavam não saber que outra serventia, para além de comer os seus peixes fritos, despejar as suas pipas e fazer uma fumaraça infernal, pudesse ter um varão. Não lamentavam nunca terem conhecido um homem no sentido bíblico, apesar de terem conhecido toda a fragilidade e toda a banal natureza humana que décadas a servirem à mesa lhes deram a conhecer, repetindo-se cada uma delas em cada geração de estudantes, sem nenhum relevo especial.

O que lamentavam era já não serem jovens.

Lamentavam a velhice por mais que esta lhes permitisse revelar a sua grande experiência, mesmo nas coisas mínimas, porque também lhes revelava a porta do fim com todas as suas misérias e fragilidades.

— Como lamento a juventude ida! Como lamento já não ser jovem, meu bom João — choramingou uma das Marias Camelas. — Lamento já não ser jovem para, morrendo, ainda me poder candidatar ao coro celeste das onze mil virgens.

O lamento não provinha de uma vontade de retrocederem na sua convicção e recuperarem os anos perdidos em relaxações, mas apenas da tristeza de se terem mantido virgens para terem o lugar assegurado no coro celestial, mas terem-se esquecido de se manterem também jovens.

— Sossegue, Tia Maria, eu garanto-lhe que terá o seu lugar reservado num coro muito distinto — confortou-a João Penha, incerto do que dizia, mas convicto que palavras repetidas ganham a força das palavras verdadeiras.

A Tia Maria olhou para o jovem perplexa, esperando que ele tivesse razão.

— Tia Maria, empreste-me uma “cravella” para o tabaco, por favor — pediu um estudante, vestido de capa e batina, à Tia Maria que era gerente e caixa, aproximando-se do balcão e acabando com aquela conversa.

A velha virou a “cravella” para o Santo António, benzeu-se com ela e disse:

— “Meu Santo Antoninho, pedi a Deus que nunca nos falte com a sua

divina graça, para que sempre possamos ajudar aos nossos filhos; toma, meu filho, e enquanto não tiveres, vem aqui.”¹⁰

O jovem agradeceu.

— “Agradece a Deus, Ele é que dá.”

Pegando no dito do Penha, José Maria pensou: e há as mães que o foram por acaso e as mães que o são pela força do amor... nem que seja a um quase desconhecido — pois, por mais que não houvesse um estudante de Coimbra que ali não tivesse comido uma vez na vida, não passavam todos de desconhecidos, mas eram tratados como filhos, ou muito próximos disso.

— Vamos! — disse João Penha, virando-se para os seus companheiros de boémia e deixando a Tia Maria Camela sem saber o que pensar, mas ainda feliz por lhe ter sido tão seguramente garantida a entrada no coro celestial.

José Maria, Guerra Junqueiro, Bernardino Machado e Carlos Mayer levantaram-se de imediato. Traçaram as capas e seguiram João Penha para o exterior.



[Lisboa, quarto de hotel no Universal, 1889]



As memórias, a revisão de provas ou a escrita de texto novo, tudo tinha um ponto em comum com as cerejas — destas não se comia apenas uma, de todas aquelas não se ficava, também, apenas numa. Fradique Mendes, este velho conhecido, este diletante... este... este... Carlos Fradique Mendes, Carlos Eduardo da Maia e Eça! Estes eram também como as cerejas, não se ficava apenas por um, vinham todos atrás uns dos outros como contas num grande colar. Amaro, Artur, Vítor... Novamente, todos tinham um ponto em comum: eram órfãos e tinham sido criados pelos avós ou outros parentes.

O pai de Carlos Eduardo tinha morrido e a mãe fugido.

Já Amaro era órfão e fora criado na casa da patroa.

Fradique foi criado pela avó, sendo órfão de ambos os progenitores.

Na *Tragédia da Rua das Flores*, Vítor era órfão — supostamente — e fora criado pelo avô.

Artur Corvelo era órfão, mas ficara-o já adulto, nos tempos de Coimbra, o que o obrigou a recolher-se a casa das tias.

Teodorico Raposo era órfão também e fora criado pela titi.

Quando estarei eu pronto para abandonar esta fórmula?, perguntava-se Eça.

Nunca. Nunca porque a nossa infância nunca sai d'agente.

E aproveitando o momento e a memória, mudou de Carlos e foi para Verdemilho... Não, não... Foi para Santa Eulália!

“Carlos, a cavalo nos joelhos do avô, contava-lhe uma grande história de rapazes e de bulhas; e ao pé o bom abade Custódio, com o lenço de rapé esquecido nas mãos, escutava, de boca aberta, num riso paternal e terno.”¹¹



[Verdemilho, 1850]



~~“Carlos, José Maria, a cavalo nos joelhos do avô, contava-lhe~~
ouvia uma grande história ~~de rapazes e de bulhas~~ de literatura
de cordel; ~~e ao pé o~~ contada pelo bom abade Custódio e velho
escudeiro negro, com o lenço de rapé esquecido nas mãos, que
escutava e narrava alternadamente, de boca aberta, num riso pa-
ternal e terno.”

Enquanto a avó, esquecida das horas, esperava a sua vez para ler versos de Mendes Leal ao neto.

José Maria havia de recordar aqueles dias distantes eternamente. Os joelhos ossudos do avô espetavam-se nas suas pernas e a voz do escudeiro negro, que a idade enrouquecera, transmutava as histórias de Carlos Magno e dos Doze Pares e “os contos tristes das águas do mar”, nas frias águas da Bretanha, de simples narrações de histórias de cordel em algo superiormente maravilhoso. Era transportado, de forma cândida e completa, para um sentimento que se deveria assemelhar àquele que invadia as próprias personagens, sempre justas e virtuosas, nas suas lutas pela satisfação de um ideal. Das canções de Rolando saltava, com o destocar de perna do avô, para a frialdade das águas bretãs, onde, aos poucos, as brumas se abriam, como cortinados, sobre os seixos das praias, reluzentes da humidade da neblina e do mar, a imitarem diamantes.

Verdemilho era então os confins do mundo e, simultaneamente, todo o seu mundo. Alguns hectares de terra nas cercanias de Aveiro, encimados por uma casa de fachada brasonada, era para ele uma enorme vastidão onde a sua alma se sentia exilada. Vivia dividido entre a sensação de exílio e a de encerramento numa redoma de vidro nacarada

pelo amor que, devotamente, avó, avô e criados negros vindos do Brasil lhe dedicavam.

Verdemilho era um mundo, uma aldeia. Era a propriedade do avô Joaquim José de Queiroz, para onde regressou, ele também exilado que fora, do Brasil. Verdemilho era como o começo do mundo, atravessado por um rio. Escondido na biblioteca do avô, folheando os grandes livros de ilustrações debaixo da luz amarela e tremeluzente da vela, tentando esquecer o seu exílio, José Maria fantasiava que o rio que atravessava Verdemilho era o Bósforo. E assim esquecia que havia um segredo qualquer, ininteligível, que o fazia ter ido nascer à Póvoa do Varzim, numa altura em que a mãe vivia em Viana do Castelo, e o mantinha em Verdemilho, enquanto os irmãos tinham o privilégio de viver com os pais.

A sua vida era então recente, mas parecia-lhe antiga por tantos mistérios que encontrava nela. Por exemplo, porque é que o seu nariz pingava quando estava muito frio, ou a sua respiração se transformava em fumo quando abria a boca nesses dias, ou porque é que viveu em Vila do Conde com uma ama, até aos cinco anos? Porque é que, depois da morte da ama veio viver com os avós e não com os pais ou porque é que os caracóis andam tão devagar? Porque é que as melancias nascem no chão e não numa árvore e porque é que na casa dos pais, no Porto, havia espaço para outros filhos, mas não para si?

Deitado no chão, José Maria voltou a enterrar os olhos no livro que tinha aberto na sua frente. Eram mistérios a mais, pensou, tornando a sua atenção para a obra que voltava a folhear, inocente dos mistérios que rodeavam o seu nascimento...



“Senhora:

Ponte de Lima, 18 de Novembro de 1845

Recebi carta de meu pai, que novamente me recomenda a criação de meu filho, e se me oferece para mandá-lo criar no Porto, em companhia da minha família, quando a senhora nisto convenha. Espero, pois, a sua resposta para nessa inteligência escrever a meu pai.

Ele me recomenda igualmente — e também o desejo — que no Assento do Baptismo se declare ser meu filho, sem todavia se

enunciar o nome da mãe. Isto é o essencial para o destino futuro de meu filho, e para que, no caso de se verificar o meu casamento consigo — o que talvez haja de acontecer brevemente —, não seja precisa em tempo alguma justificação de filiação. Espero se ponha ao nosso filho o meu, ou o seu nome, conforme deve ser. Adeus. Acredite sempre nas minhas sinceras tenções — e agora mais do que nunca — Queiroz.”¹²

Sentada no sofá onde em tantas outras vezes fora feliz, Carolina Augusta deixou cair a carta no regaço ao mesmo tempo que, sentindo as forças a esvaírem-se, os braços também lhe caíam pesados sobre as pernas. Sentiu o coração minguar e, quase em simultâneo, sentiu o bebé mexer-se. Voltara a sentir aquele sobressalto de coração pelas cartas esperadas, mas a chegada da missiva não tivera o condão de a apaziguar como outrora. Não havia a idealização do sussurro ao ouvido das palavras lidas, nem a repetição em cada sentença das ternuras habituais. Não havia, em toda aquela letra estreita, um único “meu amor” ou um “minha querida” que fosse. O bacharel José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz escrevera-lhe aquelas linhas com a mesma ternura que teria redigido um contrato ou uma procuração e essa constatação causava-lhe uma sensação de dor.

Foi com duas lágrimas a rolar-lhe pelo canto dos olhos que acabou de ler a carta, vendo já as últimas palavras enevoadas, mas percebendo o sentido de tudo de forma tão nítida como se fosse ela própria um juiz a ler um acórdão em tribunal. Envolvera-se com o delegado do Procurador Régio numa dessas paixões que remoinham a razão e as vontades até não deixarem pedra sobre pedra, como um furacão que, vindo do mar, assola a costa, como uma fome de várias semanas que devora tudo à sua frente. Enfim, como o amor. Um amor desses que assalta uma vida e que cria outra vida.

E agora: “Adeus.” Adeus e mais nada. Para onde tinha ido toda a avidez da paixão que ele lhe mostrava nos olhos, nas palavras, nos gestos? Ah, os gestos! Carolina Augusta levou a carta ao rosto, como que para esconder a vergonha que ninguém testemunhava. Ruborizou ante as memórias, mas ela não soube e mais uma vez ninguém viu. Mas onde estava aquela frieza, naquele momento que Carolina tanto tinha precisado dela para não lhe ter atirado a honra aos pés enquanto ele lhe atirava a roupa ao chão?

“Adeus. Acredite sempre nas minhas sinceras tenções.” Era difícil. O bebé voltou a espernear no seu ventre e novamente mostrava-se diante de si o abismo da realidade. “Acredite sempre nas minhas sinceras tenções” — naquele momento duvidava, mas não existia alternativa para si.

Ao longe ouvia-se o mar, dentro da cabeça de Carolina o ruído incessante das rodas da carruagem sacudidas pela calçada, e por todo o corpo uma sensação ainda vaga, mas persistente, de mal-estar. A atmosfera mal alumada da carruagem intensificava todas essas sensações. Isso e o medo, pois não há nenhuma lente capaz de magnificar mais do que o medo. A carruagem parou e o medo de Carolina Augusta redobrou. Tinha feito a viagem de Viana do Castelo para a Póvoa do Varzim mais sobressaltada pelo medo e pela ansiedade do que pelo repetido agitar da carruagem. Ia dar à luz e estava longe de casa. O carro parou e era como se o tempo se tivesse esgotado, mesmo a crescente moinha no ventre, que já dera lugar à dor, não lhe parecera tão definitiva, tão anunciadora, quanto o frear da carruagem à porta do seu parente, Francisco Augusto Pereira Soromenho, empregado da fiscalização do pescado.

Havia a esperança que, saindo da casa paterna para dar à luz — aliás, materna, uma vez que o comandante de Infantaria 18, o coronel José António Pereira de Eça, falecera havia mais de dez anos —, pudesse ocultar aquele pecado. O mar... ainda ouvia o mar... ao longe. Um dos cavalos resfolegou, como que a anunciar que a viagem de Carolina tinha terminado, uma porta entreabriu-se, com o chiar das dobradiças a violar aquele quase silêncio e uma luz mortiça a esgueirar-se numa tira fina pela quase escuridão. Enquanto se mantivesse no interior da carruagem tinha a ilusão de poder domar o tempo, mas uma contracção mais forte escolheu-a para fora do seu reduto.

No interior, sentiu a luz amarela dos candeeiros a petróleo baterem-lhe duramente nos olhos, como uma fulguração de estio, impedindo-a de perceber que o tio e tia Soromenho a esperavam.

— Oh, como esta pobre rapariga vem! Fazerem-na viajar assim! É no que estas coisas dão... — soltou a tia, hesitante entre a cruz e a caldeirinha. — Vai já chamar a parteira! — ordenou à criada.



[Lisboa, quarto de hotel no Universal, 1889]



Dividido entre os Carlos, e apesar do cansaço da viagem que fizera desde o Porto até Lisboa, a ideia de como Carlos Fradique Mendes nascera continuava a escapar a Eça. Aprisionou-a, impedindo-a de o levar para o outro Carlos, ou Artur, ou Amaro, ou Basílio, senão precisava de rever toda a sua vida, e surgiu-lhe então a vaga imagem dos primeiros poemas daquele poeta satânico, publicados no número de 29 de Agosto de 1869 d’*A Revolução de Setembro*.

Ele tornou a trocar de folhas e a voltar ao Carlos inicial, o Fradique!

“E contou que a publicação daqueles trechos na *Revolução de Setembro*, quase ocasionara, entre Fradique e ele, ‘uma pega intelectual’. Um dia, depois de almoço, em Sintra, enquanto Fradique fumava o seu chibúque persa, Vidigal, na sua familiaridade, como patrício e como parente, abriu sobre a mesa uma pasta de veludo negro. Descobriu, surpreendido, largas folhas de versos, numa tinta já amarelada. Eram as LAPIDÁRIAS. Lera a primeira, a *Serenata de Satã aos Astros*. E, maravilhado, pediu a Fradique para publicar na *Revolução* algumas dessas estrofes divinas. O primo sorriu, consentira — com a rígida condição de serem firmadas por um pseudónimo. Qual?... Fradique abandonava a escolha à fantasia de Vidigal. Na redacção, porém, ao rever

as provas, só lhe acudiram pseudónimos decrepitos e safados, o *Independente*, o *Amigo da Verdade*, o *Observador* — nenhum bastante novo para dignamente firmar poesia tão nova. Disse consigo: — ‘Acabou-se! Sublimidade não é vergonha. Ponho-lhe o nome!’ Mas quando Fradique viu a *Revolução de Setembro*, ficou lívido e chamou, regeladamente, a Vidigal, ‘indiscreto, burguês e filisteu!’”



Em Maio, o Cenáculo ficou vazio.

Não tinham todos desaparecido, mas Antero, o grande Antero, partira para o Porto, na companhia de João de Deus, que, por sofrer de neurastenia, tinha sido aconselhado pelo médico a mudar de ares e de vida. Joaquim Negrão — “o pescador de atum, artista, negociante, aventureiro, romântico e capitão de navios”¹³ — convidara João de Deus a partir consigo, no seu *Carolina*, que estava no Porto, a meter carga de sal e cebola para Halifax, na Nova Escócia, costa oriental do Canadá. Dali, o capitão esperava meter carga para os portos norte-americanos. Era o sonho de João de Deus conhecer os Estados Unidos e aquele podia bem ser o remédio que o seu médico recomendara. Convidou Antero a ir consigo e este, que também sofria de uma doença semelhante à do amigo, fez do remédio daquele o seu.

Antes de partirem, surgira no Cenáculo um novo poeta: Carlos Fradique Mendes. Era um poeta satânico.

“Um dia, pensando na riqueza imensa do moderno movimento de ideias, cuja existência parecia ser tão absolutamente desconhecido em Portugal, pensando na apatia chinesa dos lisboetas, imobilizados, durante anos, na contemplação e no cinzelar de meia ideia, velha, indecisa, em segunda mão, e em mau uso, — Eça, Batalha Reis e Antero de Quental pensaram em suprir uma das muitas lacunas lamentáveis criando ao menos, um poeta satânico. Foi assim que apareceu Carlos Fradique Mendes.

O plano deles era considerável e terrível.”¹⁴

“Serenata de Satã às Estrellas

I

Nas noites triviais e desoladas,
Como vos quero, místicas estrelas!...
Lúcidas, antigas camaradas...
Gotas de luz no frio ar nevadas,
Pudesse a minha boca inda bebê-las!

II

Não vos conheço já. Por onde eu ando!...
Sois vós místicos pregos duma cruz,
Que Cristo estais no Céu crucificando?
Quem triste pelo ar vos foi soltando
Profundos, soluçantes ais de luz!”



[Lisboa, quarto de hotel no Universal, 1889]



Eça molhou o aparo na tinta e prosseguiu com aquilo que deveriam ser as *Memórias e Notas d'A Correspondência de Fradique Mendes*, a publicar no *Repórter*, justamente a explicar quem vinha a ser este ilustre homem.

A ideia de escrever a correspondência de Fradique Mendes e publicá-la era antiga. A sua intenção era escrever “uma série de cartas sobre toda a sorte de assuntos, desde a imortalidade da alma até ao preço do carvão, escritas por um certo grande homem que viveu aqui há tempos, depois do cerco de Tróia e antes do de Paris, e que se chamava Fradique Mendes! (...) Homem distinto, poeta, viajante, filósofo nas horas vagas, *diletante* e voluptuoso, este *gentleman* morreu. E Eça, que o apreciara e tratara em vida e que pôde julgar da pitoresca originalidade daquele espírito, teve a ideia de recolher a sua correspondência, como se fez para Balzac, Madame de Sévigné, Proudhon, Abélard, Voltaire e outros imortais”¹⁵.

Concordamos, ao menos, na parte em que este senhor, que se diz escritor, me adjectiva como: um homem “distinto, poeta, viajante, filósofo nas horas vagas, *diletante* e voluptuoso”. Não posso concordar, contudo, que este senhor, que não é um *gentleman*, me mate em vida. Concordo ainda menos que recolha a minha correspondência como se fez para Balzac,

Madame de Sévigné, Proudhon, Abélard e Voltaire, porque estes, sendo imortais, tal como eu, morreram de facto, mas eu não só ainda vivo, como não queria que a minha intimidade fosse devassada. Como podem ver, o Sr. Eça de Queiroz não perde pela demora. Ele devassa a minha intimidade. Eu devasso-lhe a dele! O que acharam, meus caros patrícios, desta novidade dele ser um filho ilegítimo?

Eça já tinha explicado, em tempos, a Oliveira Martins, que a sua intenção em relação à *Correspondência de Fradique Mendes* era então publicar as cartas no periódico desse amigo, a *Província*. Anunciar-se-ia que grande fora o trabalho de as coleccionar {De as furtrar, digo eu.}, mas que a *Província* não se poupava a esforços {Fora o Sr. Eça de Queiroz que não se poupava a esforços... de as furtrar!!}

A *Correspondência de Fradique Mendes* seria precedida por um estudo sobre a vida deste lamentado *gentleman* {Lamentado, diz ele. Jubilado *gentleman*!}, que seriam as *Memórias e Notas*. Contudo, passados alguns anos sobre esta ideia inicial, ainda não fora publicada nenhuma carta de Fradique Mendes {Minhas!}, mas, agora que Oliveira Martins estava na direcção de *O Repórter*, a ideia ressurgia.

Meus caros patrícios, Eça pretendia revelar a minha correspondência mais íntima, como a correspondência trocada com as minhas amantes, "onde discuto com elas a metafísica da voluptuosidade". Que *gentleman* faz isso? Queria revelar-me aos meus, nossos, patrícios! E ainda me chama de cómico! Ah, mas quem o vai revelar aos nossos caros concidadãos sou eu! E veremos se quem ri por último não ri melhor!

Eça retornou às *Memórias e Notas* d'A *Correspondência de Fradique Mendes*.

"Os temas ('os motivos emocionais', como nós dizíamos em 1867) dessas cinco ou seis poesias, reunidas em folhetim sob o título de LAPIDÁRIAS, tinham logo para mim uma originalidade cativante e bem-vinda. Era o tempo em que eu e os meus camaradas de Cenáculo, deslumbrados pelo Lirismo Épico da *Légende des Siècles*, 'o livro que um grande vento nos trouxera de Guernesey' — decidíramos abominar e combater a rijos brados o Lirismo

íntimo, que, enclausurado nas duas polegadas do coração, não compreendendo dentre todos os rumores do Universo senão o rumor das saias de Elvira, tornava a Poesia, sobretudo em Portugal, uma monótona e interminável confidência de glórias e martírios de amor.”¹⁶

Eça voltou atrás para reler o que já escrevera, pois distantes iam os tempos das escritas a jactos e sem emendas...

“Era o tempo em que eu e os meus camaradas de Cenáculo...”

Eça e os seus camaradas do Cenáculo... No mesmo instante os meus pensamentos evolveram-se em direcção ao saudoso e distante Cenáculo e também a Artur Corvelo... Mas a *Capital* estava por enquanto posta de parte e... o Cenáculo era tanta coisa, abarcava tanta coisa... o seu Cenáculo, o seu querido Batalha Reis...



A *Gazeta de Portugal*, de António Augusto Teixeira de Vasconcelos, amigo do juiz Teixeira de Queiroz, pai de José Maria, publicava frequentemente António Feliciano de Castilho, José Castilho, Mendes Leal, Rebelo da Silva, Camilo Castelo Branco, Júlio César Machado, Tomás Ribeiro, Zacarias d’Aça, Graça Barreto, Silveira da Mota, Cunha Rivara, além, era claro, do próprio fundador. Publicava, portanto, algumas das “personalidades essenciais” da literatura, logo, os novos autores que aqui eram publicados tornavam-se, só por isso, imediatamente “essenciais”, ou seja, consagrados. Todos estes autores, consagrados antigos e consagrados novos, continuavam-se literariamente uns aos outros. Como se houvesse apenas um estilo literário, sem grandes contrastes entre si — nem pequenos —, que se herdava e que o público, também hereditariamente, aceitava sem interrogações nem desagradados. Era a tal apatia chinesa!

Não era esta a literatura que José Maria queria para si; por outro lado, sabia que só fora convidado a escrever na *Gazeta de Portugal* porque o pai intercedera por si. Não queria desiludir nem a um nem a outro, mas não podia desiludir, sobretudo, a sua arte.

“..... deste lado do rio
..... o namorado,
E a moça dos olhos pretos
..... do outro lado.
(...)
Anoiteceu
Por ali andou penando.
E por fim lançou-se ao rio,
E o rio

.....
.....
Mas as flores foram prender-se
Nas suas mãos cor de cera.
Na margem do papel marcado, onde se viam ainda estes restos
de uma velha cantiga, alguém escreveu estas notas desordenadas
e bizarras.”¹⁷

José Maria tinha escrito aquelas linhas de um jacto, baseando a ideia do seu folhetim na premissa de ter encontrado os restos de uma trova nas margens de uma folha de papel. Igualmente de pronto lhe surgiu a ideia do título: *Notas Marginais*. Seria um título com duplo sentido: as notas encontradas à margem da folha de papel e o estilo que escolhia para o folhetim ser marginal à corrente adoptada pelo jornal e pelo país!

Continuou, satisfeito:

“Eu andava perdido pela floresta escura e sonora. As estrelas, como grandes olhos curiosos, espreitavam através da folhagem.”¹⁸

Estacou a pena que rolava desenfreada pelo papel. Tinha a consciência de que nunca ninguém escrevera nada assim. Iriam falar dele! Isso tinha como certo, só não estava certo se iria sentir o seu orgulho dilatar-se perante as palavras que escreveriam acerca de si, ou se teria de afagar a estima por si mesmo, como um gato que lambe as suas feridas.

José Maria suspirou. Cada palavra, cada linha desenhava-se de uma forma que lhe parecia perfeita, sem necessidades de reparações, nem de encantos diferentes, cada volta da pena era já perfeita. Escrevia profundamente enraizado em Heine, Baudelaire, Victor Hugo — mas o Hugo das *Contemplations* e da *Légende des Siècles*, não de *Les Misérables* — e Nerval.

O jovem escritor sorriu ao lembrar-se de Nerval ante a pena e o pensamento que acabava de ter e continuou o folhetim:

“Eu era o tenebroso, o inconsolável, o viúvo.”

Riu e disse:

— “*Je suis le Ténébreux, — le Veuf, — l’Inconsolé*.”¹⁹

Era assim que começava “*El Desdidacho*”, de Gérard de Nerval, e era assim que José Maria continuava o seu folhetim.

“Eu era o tenebroso, o inconsolável, o viúvo.” Voltou a ler, soltando uma gargalhada. Não era um plágio o que acabava de fazer, até porque “*El Desdidacho*” era demasiado conhecido para que conseguisse passar impune, mas era uma homenagem às suas influências.

“Errava pela floresta e a espaços cantava uma canção vagamente triste como o sussurro dos ciprestes — depois dizia palavras iradas e ásperas como os cardos”, continuou.

José Maria lia e admirava os poetas e exprimia-se como eles, mas em prosa, pensou, ao ler e admirar as suas próprias palavras. Meneou a cabeça ao notar uma certa singularidade romântica no que escrevia. Não tinha mal, desculpou-se, não havia sentimentalidades no que escrevia, nem desesperos ou delírios românticos. Havia apenas *une petite chose* que enriquecia a sua prosa e isso fazia-o gostar ainda mais do que escrevera. Era talvez uma exaltação que aprendera e trouxera de Coimbra, aquela exaltação que os companheiros de boémia lhe tinham despertado e até exacerbado. Aquela exaltação que João Penha lhe passara!

João Penha era uma espécie de Antero de Quental, de João de Deus, pois era o único que, tal como eles, tinha gozado junto da mocidade da academia de um enorme respeito e admiração. Não era raro que, “quem tinha poesia ou prosa para lhe mostrar, ia lá apenas entregar-lhas; e ele depois as restituía com as suas correcções, singelamente, acrescentando antes um gesto, um sorriso de incitamento às esperanças do neófito do que qualquer dissertação oral”²⁰.

“João Penha era um príncipe Parnasiano, um janota, um outro Fradique, de monóculo e tudo, com a diferença de que aquele nem para dormir o tirava!”

Esta mania de comparar toda a gente que tem o bom gosto de usar um monóculo a mim! Ainda bem que Ramalho usa um *lorgnon*! Ah, todos Fradiques!

“A casa de João Penha ficava na chamada Couraça de Lisboa, lugar sobranceiro ao Mondego, por onde as vistas das janelas do seu quarto se

alongavam desde o rio até aos chorões da pobre Inês. O seu quarto era um sanatório inviolável”, mas ele partilhou-o por alguns meses com Eça, nos últimos da vida académica deste. E os pesados cortinados do quarto, que coavam toda a luz da manhã, apenas se abriam quando esta já ia longa, ferindo os olhares estremunhados de Penha e de José Maria, que partilhavam o mesmo quarto, a mesma cama e o mesmo pequeno-almoço de ovos mexidos com queijo parmesão ralado e uma pitada de pimenta, mas não partilhavam o pão, que era um por cabeça, com manteiga inglesa, e que devoravam com um apetite sem fim, originado na mocidade e nas noites a saltar entre as Camelas, a taverna do Cavalheiro, o Homem do Gás, o Paço do Conde, a passear pelo Choupal, pelo Penedo da Saudade, pelo cemitério e ainda a visitar a casa de raparigas de vida fácil.

Eça estava então fascinado por Penha e o sentimento era recíproco, embora o primeiro se desse demasiado pouco valor para perceber o que o segundo pensava dele: “Eça, ao contrário do que quase toda a gente supunha, era um visionário, romântico e sentimental, tendo um horror profundo por tudo quanto é prosaico, isto é, pela vida comum, e real, como ela é”²¹.

Mesmo não se dando muito valor, Eça dava crédito à sua escrita, por isso esperava mais do seu primeiro conto, na *Gazeta de Portugal*. No dia da publicação, a 28 de Março, depois de acordar, depois da hora do almoço, José Maria saiu e plantou-se na Havaneza, quase lá lhe iam nascendo raízes. Agarrou no seu Proudhon e na sua chávena de café, alongando o seu nariz para ambos, fingindo ler filosofia e bebendo vagarosamente o seu drama, que adoçou logo após o primeiro gole com muito açúcar. Esperava ouvir algum comentário às suas *Notas Marginais*.

Pedi outro café, mas nunca mudou de página. O café acordava-lhe a alma, que deixara ainda meio adormecida no seu quarto no Rossio, mas umas gargalhadas exaltadas prenderam-no decisivamente, tirando-lhe o olhar do Proudhon, que naquele dia não lia.

Era a uma das mesas de canto.

— Que extravagante!

— É mais cómico!

José Maria franziu o sobrolho, denunciando, para quem o visse naquele momento, que não lia, ocupando-se no vagar de não fazer nada e ouvir as conversas dos outros.

— Escuta-me esta: “Eu abri aquele coração, que era delicado, pequeno e feminino. Descubri lá dentro vagamente uma floresta medonha, que se debatia e rugia, como uma multidão de doidos sinistros, todos vestidos de

ramos e de folhas; na sombra andavam os olhos redondos e famintos dos lobos; por cima da folhagem mugidora esvoaçava, balouçada por ventos imensos, uma confusão de sombras, que uivavam e se arrepelavam, e rasgavam com os ossos dos cotovelos as carnes moles, e lambiam o sangue que escorria das órbitas sem olhos, e davam beijos selvagens, enroscadas e desfalecidas em voluptuosidades mais mórbidas do que os orvalhos da Lua.”²²

— É isto que é cómico! Extravagante! De um ridículo a toda a prova! De um mau gosto doloroso...

— Deve ser por causa das órbitas sem olhos a escorrerem sangue! — gracejou um dos homens, com as palavras a saírem-lhe disformes por causa do riso.

— Deve ter sido algum rapaz novo do jornal que pensa agora que é um génio...

— Ou a quem os lobos, além de lhe deixarem as órbitas em sangue, lhe comeram os miolos... Já se vê, sem olhos e sem cérebro...